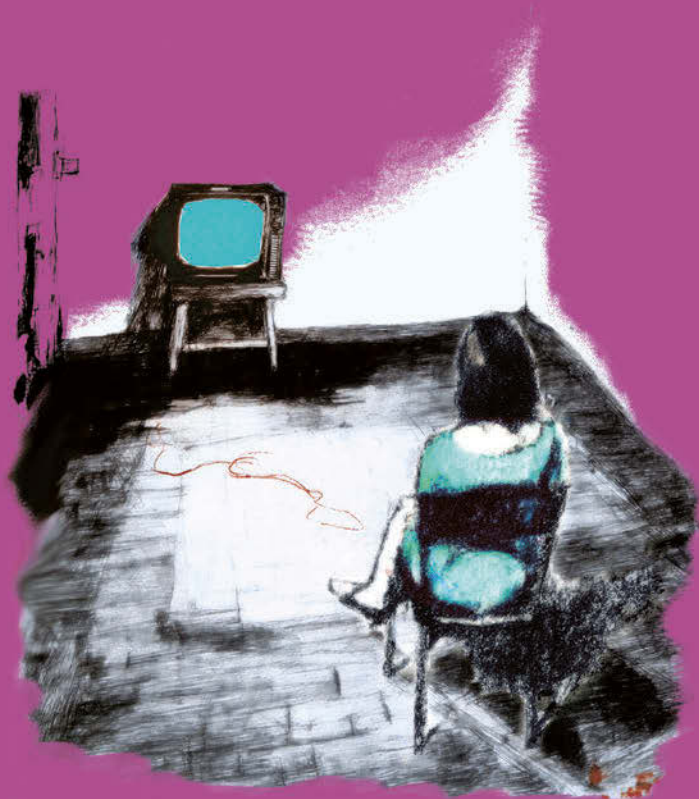


ROBERTO BOLAÑO

UM PEQUENO ROMANCE LÚMPEN



cavalo de ferro



Capa da primeira edição de *Um Pequeno Romance Lúmpen*
(Random House Mondadori, Espanha, 2002)

Para Lautaro e Alexandra Bolaño

*Toda a escrita é uma porcaria.
As pessoas que saem do nada a tentar
pôr por escrito seja o que for que lhes
passe pela cabeça são uns porcos.
Todos os escritores são porcos.
Sobretudo os de agora.*

ANTONIN ARTAUD

I

Agora sou mãe e também uma mulher casada, mas não há muito tempo fui uma delinquente. Eu e o meu irmão tínhamos ficado órfãos. Isso, de certa forma, justificava tudo. Não tínhamos ninguém. E tudo acontecera de um dia para o outro.

Os nossos pais morreram num acidente de automóvel durante as primeiras férias que fizeram sozinhos, numa estrada perto de Nápoles, creio eu, ou noutra estrada horrível do Sul. O nosso carro era um *Fiat* amarelo, em segunda mão, mas que parecia novo. Dele só restou um amontoado de ferros retorcidos, cinzentos. Quando o vi, no parque de sucata da polícia onde estavam outros carros acidentados, perguntei ao meu irmão pela cor.

— Não era amarelo?

O meu irmão disse que sim, claro que era amarelo, mas isso era antes. Antes do acidente. As colisões deformam a cor, ou deformam a nossa maneira de apreender a cor. Não sei o que quis dizer com isso. Perguntei-lhe. Respondeu: a luz... a cor... tudo. Pensei que o coitado estava mais afectado do que eu.

Nessa noite dormimos num hotel e no dia seguinte voltámos a Roma de comboio, com o que restava dos nossos pais e acompanhados por uma assistente social, ou educadora, ou psicóloga, não sei bem; o meu irmão perguntou-lhe o que fazia, mas eu não ouvi a resposta, pois ia a observar a paisagem pela janela.

No funeral apareceu apenas uma tia, irmã da minha mãe, e atrás da minha tia vinham as suas filhas atrozes. Fiquei a olhar para a minha tia o tempo todo (que também não foi assim tanto), e por mais de uma vez julguei ver um esboço de sorriso nos lábios dela, ou até um sorriso completo, e então soube (embora, na verdade, já soubesse desde sempre) que eu e o meu irmão estávamos sozinhos neste mundo. O funeral foi breve. À saída do cemitério, beijámos a nossa tia e as nossas primas e nunca mais voltámos a vê-las. Enquanto caminhávamos até à estação de metro mais próxima, disse ao meu irmão que a nossa tia tinha sorrido, para não dizer que se tinha rido às gargalhadas, enquanto os caixões eram introduzidos nos respectivos nichos. Ele respondeu que também tinha reparado.

A partir desse momento, os dias mudaram. Quero dizer, o decorrer dos dias. Quero dizer, aquilo que une e, ao mesmo tempo, marca a fronteira entre um dia e o outro. De repente, a noite deixou de existir e tudo se tornou um contínuo de sol e luz. Ao princípio pensei que era do cansaço, do choque provocado pelo desaparecimento súbito dos nossos pais, mas quando o comentei com o meu irmão, ele disse que lhe acontecia o mesmo. Sol e luz e explosão de janelas.

Cheguei a pensar que íamos morrer.

Mas a nossa vida seguiu os parâmetros estabelecidos antes da morte dos nossos pais. Todas as manhãs íamos para a escola. Falávamos com aqueles que considerávamos nossos amigos. Estudávamos; não muito, mas estudávamos. A pensão do nosso pai, depois de uns trâmites não demasiado complicados, passou para as nossas mãos. Pensámos que nos ia calhar mais e protestámos. Uma manhã, perante um burocrata que tentava explicar-nos por que razão o meu pai, em vida, recebia uma certa quantia, e depois da sua morte nos cabia a nós menos de metade, o meu irmão desatou a chorar de repente. Insultou o funcionário e tive de o arrastar para fora do gabinete. Não é justo, gritava ele. É a lei, ouvi o funcionário dizer atrás de mim, com um ar pesaroso.

Procurei trabalho. Todas as manhãs comprava o jornal e lia, no pátio da escola, a secção de ofertas de emprego, sublinhando o que me interessava. À tarde, depois de comer qualquer coisa, saía de casa e só voltava depois de ir bater a todas as portas. As ofertas eram, na sua maioria, para trabalhos de prostituta, disfarçados ou não, mas eu não sou prostituta; fui uma delinquente, sim, mas prostituta não.

Um dia arranjei trabalho num cabeleireiro. Lavava cabeças. Não cortava, mas observava com atenção a forma como as outras trabalhavam e ia-me preparando para o futuro. O meu irmão disse que era uma estupidez começar a trabalhar, que com a pensão de orfandade podíamos viver felizes. «Orfandade»; a palavra dava vontade de rir. Começámos a fazer contas à vida. De facto, conseguíamos viver assim, mas à custa de nos privarmos de quase tudo. O meu irmão disse

que podia abdicar de três refeições por dia. Fiquei a olhar para ele, sem perceber se falava a sério ou se estava a brincar.

— Quantas vezes comes por dia?

— Três. Quatro.

— E quantas vezes dizes que estás disposto a comer no futuro?

— Uma.

Ao fim de uma semana, o meu irmão começou a trabalhar num ginásio. À noite, quando voltava para casa, conversávamos e fazíamos planos. Eu pus-me a sonhar com a ideia de ter o meu próprio cabeleireiro. Tinha as minhas razões para acreditar que o futuro estava nos cabeleireiros pequenos, nas lojas de roupa pequenas, nas lojas de discos pequenas, nos bares minúsculos e muito selectos. O meu irmão dizia que o futuro estava na informática, mas como trabalhava num ginásio (varria, lavava o chão e limpava as casas de banho), começou a levantar pesos e a fazer todas aquelas coisas que desenvolvem a musculatura.

Aos poucos fomos deixando os estudos de lado. Às vezes eu não ia ao liceu de manhã (a luz incessante tornava-se cada vez mais insuportável para mim), outras vezes era o meu irmão que não ia. Com o passar dos dias, começámos a ficar os dois em casa durante as manhãs, com saudades da escola mas incapazes de sair à rua, apanhar o autocarro, entrar nas nossas respectivas salas de aula e abrir os livros e cadernos em que não aprenderíamos nada.

Matávamos o tempo a ver televisão; primeiro as entrevistas, depois os desenhos animados, por fim os programas da manhã com entrevistas, conversas e notícias sobre famosos.

Mas disso falarei mais adiante. A televisão e o vídeo ocupam um lugar importante nesta história. Ainda hoje, quando ligo a televisão, à tarde, quando já não tenho nada para fazer, parece-me ver no ecrã a jovem delinquente que fui em tempos, mas a visão não dura muito; apenas o tempo que o aparelho demora a ligar. Nesses segundos, no entanto, consigo ver os olhos da pessoa que fui, o seu cabelo, os seus lábios desdenhosos, as suas maçãs do rosto, que parecem frias, e o seu pescoço, que também parece feito de mármore frio, e cuja breve visão quase sempre me faz gelar por dentro.

Nessa altura, por causa do seu trabalho no ginásio, o meu irmão adquiriu um hábito curioso.

— Queres ver os meus progressos? — perguntava.

Então tirava a camisa e mostrava-me os músculos. Apesar de estar frio e de já não termos aquecimento em casa, despi a camisa ou a *t-shirt* e mostrava-me uns músculos que iam surgindo timidamente no seu corpo, como tumores; protuberâncias que nada tinham que ver com ele, ou com a imagem que eu tinha dele, com o seu corpo de adolescente magro e desajeitado.

Uma vez disse-me que sonhava ser Mister Roma, e depois Mister Itália, ou até Mister Universo. Ri-me na cara dele e disse-lhe, sem rodeios, o que pensava. Para conseguir ser Mister Universo era preciso ter treinado desde os dez anos, disse-lhe eu. Achava que o culturismo era como o xadrez. O meu irmão respondeu que, tal como eu sonhava ter um minicabeleireiro, também ele tinha direito a sonhar com um futuro melhor. Foi essa a palavra que usou: «futuro». Fui até à cozinha e pus o almoço a aquecer.

Esparguete. Depois levei os pratos e os talheres para a mesa. Sempre a pensar. Acabei por lhe dizer que a mim o futuro não me interessava, que me ocorriam ideias, mas que essas ideias, se pensasse bem, nunca se projectavam no futuro.

– Então projectam-se onde? – gritou o meu irmão.

– Em lado nenhum.

Depois púnhamo-nos a ver televisão até adormecermos.

Por volta das quatro da manhã, eu costumava acordar sobressaltada. Levantava-me do meu cadeirão, tirava os pratos sujos da mesa, lavava-os, arrumava a sala, limpava a cozinha, cobria o meu irmão com mais uma manta, baixava o volume da televisão, espreitava pela janela e observava a rua com a sua dupla fila de carros estacionados de ambos os lados, e não conseguia acreditar que ainda fosse de noite, que aquela incandescência fosse a noite. Era igual fechar os olhos ou mantê-los abertos.

Após a morte prematura dos pais num trágico acidente de viação, Bianca, pouco mais do que uma adolescente, entrega-se a uma existência apática, sem futuro nem esperança, juntamente com o seu irmão mais novo. Órfãos e sozinhos na cidade de Roma, sem dinheiro, ambos se vêem obrigados a abandonar a escola para irem trabalhar: ela num cabeleireiro, ele num ginásio onde conhece dois homens de reputação duvidosa, o bolonhês e o líbio, aos quais dá guarida em sua casa. Quando estes elaboram um plano criminoso visando um ex-culturista cego que permitirá aos quatro sair da pobreza, Bianca intui que a sua queda será ainda mais vertiginosa.

Última obra publicada por Roberto Bolaño, posteriormente adaptada ao cinema, *Um Pequeno Romance Lúmpen*, inédito no nosso país, é uma narrativa fulgurante e inesquecível sobre a adolescência, a perda da inocência e a marginalidade, protagonizada por uma heroína que nada tem a perder.

«Um romance electrizante sobre a juventude urbana,
anomia, sexo e crime... Um pequeno livro perigoso.»

The Washington Post

«Uma peça de realismo inteligente sem lugar
para sermões. A inteligência sentimental do melhor
de Bolaño vibra sem que se note.»

El País



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

cavalodeferro

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-541-0



9 789895 895410